

PESQUISA DO VÍRUS DA RAIVA E DE ANTICORPOS EM MORCEGOS DO NOROESTE DO ESTADO DE SÃO PAULO

(RABIES VIRUS AND ANTIBODY RESEARCH IN BATS FROM NORTHWESTERN SÃO PAULO STATE)

D. K. A. CASAGRANDE¹, A. B. B. C. FAVARO², C. DE CARVALHO³, M. R. PICOLO⁴, A. ALBAS⁴, L. H. QUEIROZ^{5*}

Vinte e seis espécies de morcegos já foram descritas na região de Araçatuba, noroeste do Estado de São Paulo, incluindo os vampiros *Desmodus rotundus* (E. Geoffroy, 1810) e *Diaemus youngi* (Jentink, 1893). Desde 1998 tem sido registrados casos de raiva em morcegos, nesta região, com predominância em áreas urbanas. No período de 1998 a 2007, 4.035 amostras de morcegos foram examinadas para raiva, com 50 casos positivos (1.2%) em nove diferentes espécies não-hematófagas pertencentes às famílias Molossidae, Vespertilionidae e Phyllostomidae. O objetivo deste projeto foi pesquisar a presença do vírus raiva em morcegos de diversas espécies e de anticorpos contra em morcegos vampiros na região de Araçatuba. Um total de 1307 amostras de cérebro de morcegos encaminhadas ao Laboratório de Raiva e 125 de soros obtidos de morcegos vampiros de quatro abrigos da região foram examinadas durante o período de Janeiro de 2008 a Julho de 2012. A pesquisa de vírus foi feita por meio da imunofluorescência direta (IFD) e inoculação intracerebral em camundongos (ICC) e a pesquisa de anticorpos neutralizantes foram determinados pela técnica de microneutralização simplificada (SFIMT) em células BHK21. O vírus da raiva foi detectado em 22 (1,97%) dos 1117 dos morcegos não-hematófagos e em nenhum dos 190 morcegos vampiros examinados. Apenas 7% (9/125) dos morcegos vampiros apresentaram título de anticorpos acima de 0.5UI/ml, 65% (81/125) tinham títulos baixos (0.10 a 0.5UI/ml) e 28% (35/125) foram negativos. O índice de positividade observado foi de 2,25% o que está acima do índice médio de 1,3% registrado anteriormente nesta região. A alta percentagem de morcegos vampiros com anticorpos neutralizantes para o vírus da raiva indica uma exposição recente ao vírus o que confirma que, medidas de vigilância devem ser mantidas para evitar um aumento na incidência da doença.

1. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal, FMVA, UNESP - Araçatuba/SP

2. Graduanda de Medicina Veterinária, FMVA, UNESP - Araçatuba/SP -;

3. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ecologia em Recursos Naturais da UFSCar – São Carlos/SP

4. APTA - Agência Paulista de Tecnologia Agropecuária de Presidente Prudente - Pólo Regional de Desenvolvimento Tecnológico dos Agronegócios da Alta Sorocabana;

5. Professora Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal, FMVA, UNESP – Araçatuba/SP
lhqueiroz@fmva.unesp.br